

FONSECA, José Flávio Gonçalves da. *tentativa.doc*: Dramaturgia de um encontro (im)possível entre dois artistas-nômades. Belém: UFPA. Professor Assistente do Curso de Teatro da Universidade Federal do Amapá; Doutorando em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Ciência das Artes - ICA da Universidade Federal do Pará.

RESUMO

O seguinte trabalho propõe discutir o processo de construção dramaturgical da obra intitulada *tentativa.doc*, resultando parcial da pesquisa de doutorado denominada Poéticas Nômades no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará – UFPA. Neste processo de construção poética a dramaturgia se deu a partir do encontro (im)possível de dois artistas (o proponente da pesquisa e seu colaborador) que distantes geograficamente, se aventuraram na construção de uma obra, autointitulada, teatral, que se realiza em ambiente híbrido: resultado da hibridização do ciberespaço e do espaço costumeiramente dito como real. Nessa perspectiva, a construção da dramaturgia da obra se deu por meio colaborativo, em uma escrita coletiva dentro de uma plataforma virtual, daí o próprio título do trabalho, transposição da grafia do arquivo virtual: *tentativa.doc*.

Palavras-chave: Dramaturgias (im)possíveis. Arte e novas mídias. Obra de Arte Híbrida

ABSTRACT

The following work proposes to discuss the dramaturgical construction process of the work titled *tentativa.doc*, resulting partial of the doctoral research named Nomadics Poetics in the Post-graduate Program in Arts of the Federal University of Pará - UFPA. In this process of poetic construction the dramaturgy took place from the (im) possible encounter of two artists (the researcher and his collaborator) that distant geographically, ventured in the construction of a work, self-titled, theatrical, that takes place in environment hybrid: the result of the hybridization of cyberspace and the space usually said to be real. In this perspective, the construction of the work dramaturgy was done through collaborative, in a collective writing within a virtual platform, hence the title itself of the work, transposition of the spelling of the virtual file: *tentativa.doc*.

Keywords: (Im)possible dramaturgies . Art and new media. Hybrid Artwork

O seguinte trabalho propõe discutir o processo de construção dramaturgical da obra intitulada *tentativa.doc*, um processo de construção poética onde a dramaturgia se deu a partir do encontro (im)possível de dois artistas que distantes geograficamente, se aventuraram na construção de uma obra realizada em ambiente híbrido: hibridização do ciberespaço e do espaço costumeiramente dito como real Inicialmente.

Para a construção da obra, foi criado um arquivo virtual compartilhado entre os dois artistas que continham elementos que operavam como disparadores de criação, dialogando diretamente com a noção de virtualidade proposto por Pierre Levy (2001), a medida que se davam enquanto uma problematização do real.

Assim, o arquivo se dava enquanto uma dramaturgia em potência, ou mesmo, uma dramaturgia em fluxo. A medida que os encontros virtuais entre os dois artistas eram realizados, a dramaturgia ia se atualizando, ou seja, ocorria um processo de passagem da obra virtual para atual.

Propondo investigar uma temporalidade própria do ciberespaço, tentativa.doc se dá enquanto uma obra duracional, que não se encerra em uma única sessão, mas que perpetua no tempo/espaço, por meio de pequenas cenas que são lançadas em intervalos de tempo distintos, sempre previamente informado ao cibriespectador, e com isso se mostrando enquanto uma obra em progresso não somente na perspectiva da sua criação, mas também no seu próprio compartilhamento com a audiência, dando-se, portanto, enquanto uma obra à deriva a navegar em um rio virtual.

Esta pesquisa se confunde com a própria construção da obra e, assim sempre que pesquisa e obra são citadas nestes escritos há de entendê-las como sinônimos. Deste modo, esta pesquisa propõe traçar uma discussão no campo das poéticas e dos processos de criação.

Nesse sentido considera-se aqui as implicações acerca desta opção que se encontra em um território movediço no âmbito do universo acadêmico brasileiro. Segundo Flávio Gonçalves (2009):

A pesquisa em Poéticas Visuais na Universidade Brasileira possui uma história recente que parece configurar-se na busca de um lugar e de uma forma que lhe sejam próprias, que lhe confirmem a autoridade que o conhecimento desenvolvido a partir de uma produção em arte possa produzir. (GONÇALVES, 2009, p. 138)

O autor toma como referência especificamente a pesquisa no campo das Poéticas Visuais, considerando, portanto, o universo das Artes Visuais, mas que aqui podemos trazer para uma discussão expandida no campo das Artes na sua diversidade de linguagens e seus hibridismos.

Ainda nesta perspectiva, Flávio Gonçalves (2009) aponta para uma relação paradoxal na relação do artista e sua condição de pesquisador dentro do ambiente acadêmico, no sentido de que “as questões de arte e de sua fatura, quando abordadas por estes, tomam uma dimensão diferenciada daquelas conduzidas por teóricos, pois a posição e envolvimento em relação à arte são distintos” (GONÇALVES, 2009, p. 138). A relação paradoxal aqui se encontra no confronto de “se a tarefa de produzir arte é própria da definição mesma de artista, a reflexão formal deste processo, representada na academia pelas poéticas visuais, não o é necessariamente” (GONÇALVES, 2009, p. 138).

A pesquisa em poéticas, portanto, operaria, nesse sentido, em um ambiente de fronteira entre a prática artística e o pensamento formal. Cabe aos sujeitos que alimentam estas pesquisas, comumente relacionados a partir do binômio artista-pesquisador, produzirem argumentos (que se darão inclusive no âmbito de um discurso por via da prática) que fortaleçam a presença da pesquisa poética no território acadêmico brasileiro, mesmo sob a consciência de que, segundo Flávio Gonçalves (2009), sob a ótica do pensamento científico, o argumento da pesquisa em arte, ainda se apresente enquanto um “argumento frágil”.

Contudo, a fragilidade aqui apontada, se mostra muito mais enquanto um desvio do que uma contrariedade, uma vez assumindo a possibilidade da pesquisa em arte se estabelecer enquanto campo independente, cuja a promoção de uma emancipação epistemológica da arte, permita que a prática

artística se mostre na sua potência, não sendo subjugada a um pensamento científico formal.

Primeiros passos

A pesquisa aqui apresentada vislumbrou inicialmente investigar a realização de um processo de criação a partir da construção coletiva feita entre artistas que se encontram em territórios geográficos distintos.

Portanto, buscou-se trabalhar no âmbito dos agenciamentos poéticos: a criação artística que se possibilita pela interação poética que rompe distâncias por meio dos dispositivos e ambientes digitais, em específico, no ambiente da web.

A partir da problematização da noção de nômade, buscou-se na filosofia de Deleuze & Guattari (1997) a compreensão da relação da condição nômade no âmbito da criação artística.

O nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois, como no migrante, nem em outra coisa, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediatizada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...). Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 38)

Assim, a condição nômade, em sua compreensão expandida, que rompe a mera intervenção no espaço geográfico, se apresentou enquanto operativo no processo de criação artística desenvolvida.

O nômade, portanto, lida com a desterritorialização e com a reterritorialização, em uma simultaneidade operativa. Assim, esta operação de reterritorialização reterritorializante possibilita a construção poética.

Portanto, expandindo a ideia de território, do ponto de vista do nômade em Deleuze e Guattari (1997), que esta pesquisa poética se alicerçou.

Territórios virtuais, territórios atuais, territórios sensíveis.

Inicialmente teríamos quatro artistas individuais e mais um coletivo de artistas que à se experimentar na construção coletiva de uma obra virtual. Eram eles: Fabiano Rocha, cearense, natural do município de Russas, morando em Fortaleza, ator e dançarino. Débora Ingrid, cearense, natural do município de Russas, morando em Fortaleza, recém-chegada de São Paulo, onde morou por um ano e com uma experiência passageira pela Índia, atriz, diretora. Henrique Oliveira, cearense, natural do município de Quixeré, morando em Quixeré, atuando artisticamente em Fortaleza, ator, artista audiovisual. Ícaro Lourenço, cearense, natural do município de Russas, morando em Fortaleza, ator, músico, artista audiovisual. Coletivo TensoAtivo, grupo de artistas atuantes na cidade de Macapá no estado do Amapá que tem como linha investigativa a performance arte e a intervenção urbana, liderado pela professora Cristiana Nogueira.

Estes artistas/coletivo nômades interagem diretamente comigo, na figura de artista-pesquisador e proponente desta pesquisa, mas que também se reconhece enquanto um quinto elemento, artista-nômade.

Estivemos, portanto, imersos no processo de construção poética, comunicando-se por via virtual, por meio de plataformas digitais que também se mostram enquanto ambientes de criação. Neste processo, começaram a surgir questões levantadas a partir da discussão deste coletivo, que foram construindo as primeiras reflexões sobre nosso processo de criação.

As discussões trilharam para uma série de perguntas que estes artistas, enquanto investigadores, se depararam. Estas perguntas trouxeram em si a ideia de “perguntas-passaporte”, proposta por Sônia Rangel (2008), apontada acima como uma importante contribuinte no nosso processo. Para a autora as perguntas-passaporte da pesquisa são capazes de induzir o pesquisador “a transpor a cartografia da obra em profundezas e extensões nunca dantes atingidas” (RANGEL, 2008). Exatamente na busca pela profundidade e para dar extensão as inquietações primeiras da pesquisa que nós, os artistas-investigadores-nômades, levantamos duas perguntas-passaporte que nos guiram na investigação.

PERGUNTAS-PASSAPORTE:

1. Que pensamentos governam a minha prática?
2. Qual princípio norteia minha prática?

Estas perguntas-passaporte derivam das leituras sobre processo de criação na obra de Sonia Rangel (2008) em seu trabalho de pesquisa poética. Desse modo, na tentativa de responder a tais questões, os artistas-nômades levantaram duas respostas que se tornaram os dois principais elementos da investigação até o momento.

Similar ao trabalho de Sônia Rangel (2008), a primeira pergunta passaporte foi respondida a partir de uma imagem.

A autora nos fala que “nesse contexto princípios/propostas, processos e produtos incluem a imagem como um grande *operator*” (RANGEL, 2006). A imagem que surgiu a partir da indagação do grupo é a CASA. Essa imagem traz consigo a potência da relação de deslocamento, ora se dando enquanto signo de imobilidade, ora se desdobrando para campos de compreensão expandidos, chegando a ideia da casa como lugar transitório, que se constrói a cada movimento do nômade. Desse modo, a imagem da CASA se mostrou enquanto a representação de uma condição de constraente reterritorialização.

Para a segunda pergunta-passaporte chegamos na reflexão de que o princípio norteador de nossa prática estava presente no OUTRO. A relação de agenciamentos, a relação de um com o outro, a construção em coletivo, no outro e com o outro. A relação nômade, à medida que cada outro é um território desterritorializado em potência que na relação com o outro opera em movimentos de reterritorializações.

Na inter-relação destes dois territórios, o da CASA e do OUTRO, ainda sob a influência do trabalho de Sônia Rangel (2008), o trabalho foi inicialmente pensado.

Assim, tendo como referência três imagens propostas pela a autora, buscamos relacionar as duas imagens operativas de nossa pesquisa. Assim, a CASA e o OUTRO se encontram. Nesse encontro, a CASA ganha mais duas dimensões territoriais, derivadas das propostas de Sônia Rangel: o QUINTAL e o JARDIM.

Desse modo, chegamos a uma convergência com a proposta de Sônia Rangel, e elaboramos a relação destes espaços imagéticos com o elemento do OUTRO.

Assim, nos questionamos **onde** e **como** habitam cada OUTRO, nesses espaços imagéticos.

No JARDIM, portanto, habitam todos, visto a sua relação com o que se mostra para o exterior. Assim, o Jardim estaria na frente da casa, mostrando ao território externo o resultado de nossa pesquisa. Dessa forma, o Jardim se encarrega dos processos de reterritorialização (desterritorializações territorializantes).

Na CASA habita ninguém, pensada esta como a própria representação do transito, ambiente de transição entre o Jardim e o quintal, lugar onde não se estaciona, ambiente de atuação do nômade. É na casa que os agenciamentos ocorrem.

Já no QUINTAL, habita eu na figura do pesquisador/provocador do processo. É no quintal onde os processos são pensados e de onde eles partem. É neste ambiente, também, onde as tentativas se encontram, onde o inacabado habita, onde o ainda por vir se configura.

A partir deste levantamento de imagens e relações, iniciaríamos o processo prático onde estes elementos operariam de maneira direta no processo de criação artística: a realização de uma obra artística por meio do compartilhamento poético entre artistas-nômade, tendo como ambiente de construção, os meios digitais. Um possível ser/corpo que ao mesmo tempo que é **um** e que ao mesmo tempo que é **todos** habita(m) este(s) espaço(s) em simultaneidades de presença.

Este trabalho se daria a partir das imagens geradas nas perguntas-passaporte: a CASA e o OUTRO.

A proposta era trabalhar em uma obra híbrida onde cada artista-nômade realizaria sua participação na obra no lugar onde se encontra no momento, na casa onde habita, na cidade onde habita no momento. Explorando os espaços de suas casas, o trabalho se expande pelo espaço cibernético, trazendo com isso duas noções operativas: a noção de híbrido e a noção de ubiquidade.

Segundo Peter Anders (2001) a noção de híbrido está diretamente ligado a uma fusão entre atualidade e virtualidade. Na obra em construção, especificamente, existia uma relação entre espaço cibernético e espaço físico.

Já por ubiquidade se entende como sendo a capacidade de estar em diversos lugares simultaneamente, capacidade esta cada vez mais possibilitada pela presença dos dispositivos e ambientes virtuais.

Assim, o trabalho foi pensando para operar por meio da construção de um **Espaço-outro**, que seria exatamente este espaço de criação artística híbrido capaz de comportar os sujeitos em sua qualidade ubíqua.

Desta forma, o modus operandi do trabalho seria a partir do seguinte procedimento:

1. Criação do espaço-outro
2. Ocupação do espaço-outro
3. Intervenção no espaço-outro

A criação do espaço-outro se daria por meio dos ambientes virtuais. Para tanto, pode ser utilizado plataformas de transmissão de vídeo em tempo real, a chamada tecnologia streaming. Transmissões ao vivo no ambiente virtual do Facebook, Youtube ou Instagram são exemplos de possibilidades de criação de espaços-outros. Uma vez iniciada uma transmissão, teríamos a criação deste espaço outro que ao mesmo tempo que transmite imagens de um lugar real, gera um lugar no ambiente virtual, daí um processo híbrido.

Uma vez criado este espaço, seria possível dar vez a sua ocupação. Esta ocupação se daria por via do espectador. Qualquer sujeito, em qualquer lugar do mundo, a partir do momento que inicia a visualização da transmissão começa a ocupar este espaço-outro.

Deste modo, cria-se uma plateia em rede, em uma situação de ubiquidade, pois ao mesmo tempo que se encontra em seu lugar de presença real, se transporta para o espaço outro por meio de sua presença virtual na transmissão. Cria-se, portanto, uma plateia que ao mesmo tempo que é real também é virtual.

A partir da realização destas etapas que se daria a obra artística nômade, considerada aqui, como um espetáculo de teatro em um ambiente virtual.

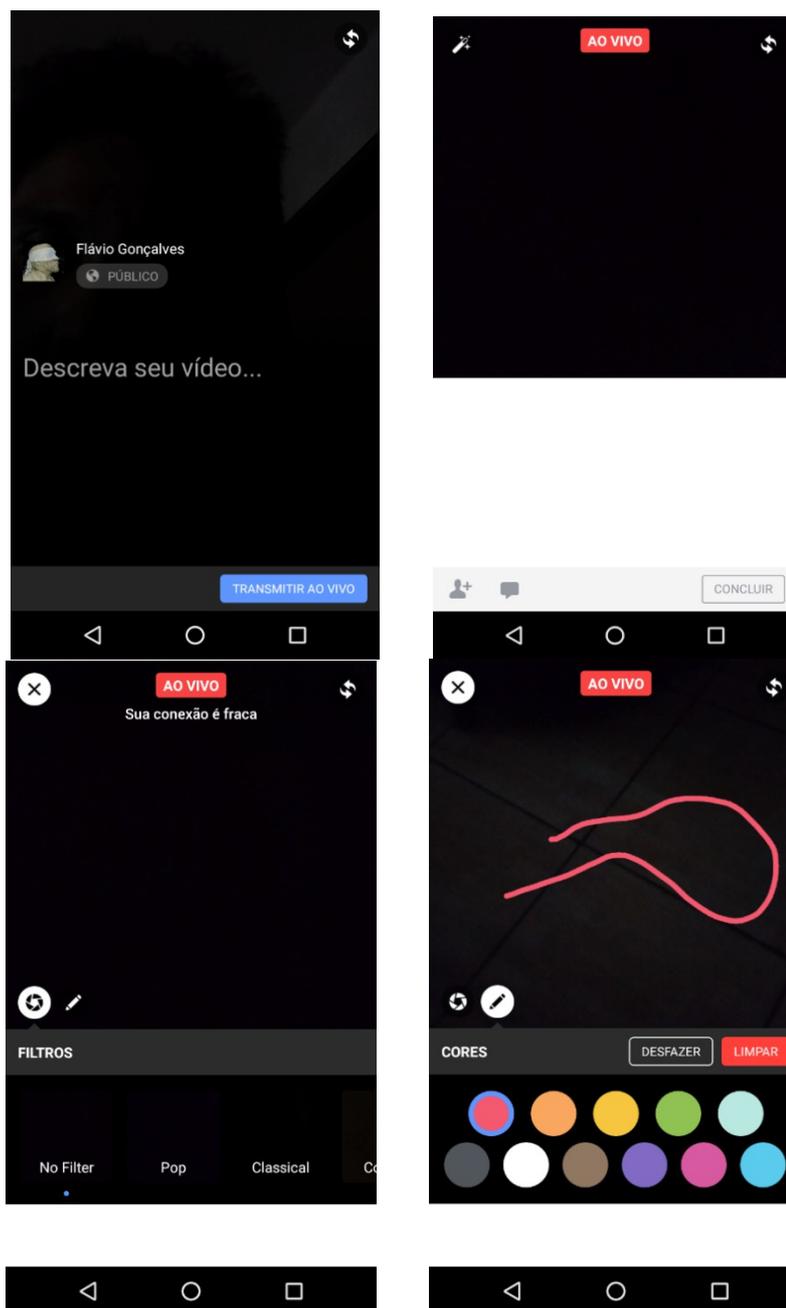


Figura 1: Telas da transmissão ao vivo na plataforma do Facebook (um possível espaço-outro) Fonte: Acervo pessoal

Encontros perdidos

A caminhada pelo território movediço da pesquisa poética se faz por via da claudicação, como diria Jean Lancri (2002), uma vez que a pesquisa em poéticas “segue o passo (ainda uma metáfora) tanto do sábio quanto do poeta, tanto dos donos da razão quanto dos profissionais do sonho” (LANCRI, 2002, p. 23).

Estamos, portanto, nesta pesquisa na condição do nômade a caminhar coxeando, agenciando territórios do sensível e da razão.

Deste modo, a pesquisa naturalmente sofreu grandes mudanças no seu trajeto criativo.

Sabemos que o fenômeno de virtualização dos corpos permite que estes se encontrem em planos distintos, que se dêem em multiplicidades de presença. Assim, é possível aos corpos se encontrarem como nunca antes se foi possível.

Contudo, ao mesmo tempo que esta virtualização promove o encontro, ela também propicia o distanciamento desses corpos. Uma verdadeira operação dos inversos se apresenta, do encontro e do desencontro (fáceis), uma vez que o a presença está condicionada pela permissão do interlocutor.

Assim, no processo poético iniciado e descrito acima os corpos que uma vez iniciaram o encontro, também promoveram o desencontro.

Após um período fértil de provocações, reflexões, produção de estímulos que guiavam nossas primeiras realizações, os elementos do grupo se mostram em longos períodos de ausência. Cada vez menos respostas eram dadas às provocações lançadas. Uma série de não-respostas se construíam a ponto de se dar períodos longos de quaisquer tipo de retorno.

O processo iniciado dava espaço para outras prioridades dos colaboradores que fazia com que o trabalho em questão se mostrasse como uma opção que por grau de importância para aquele momento pessoal do grupo ficasse no final da fila.

Constatarei, portanto, o risco inerente no jogo da virtualização dos encontros que ao mesmo tempo que com rapidez reúne, também com rapidez separa.

Nesse caminhar inevitável ao desencontro, acabamos por constatar que estávamos em meio à encontros perdidos. Cada um com sua prioridade e sem deferir culpa alguma deixamos que cada uma se desprendesse do processo para ir ao encontro de suas necessidades.

Percebi, portanto, que ao me encontrar novamente sozinho, era preciso reencontrar e assim, mais uma vez territorializei na desterritorialização e partir para a busca de novos agenciamentos poéticos.

Mais uma vez, me percebi começando pelo meio!

Trajeto (re)feito

A partir do desencontro que se deu durante o trajeto criativo em questão, parti para a construção de novos encontros. Assim, na lógica aqui discutida, parti para mais uma vez começar pelo meio, agora um meio cronológico, onde o que havia sido construído não se perdesse, mas também que o que havia por vir, iria modificar significativamente o já construído.

Do meio do trajeto, portanto, tracei novos caminhos. Nomadizei-me agora por meio dos afetos de encontros recentes mas de uma potência grandiosa. Fui ao encontro daqueles que iniciaram comigo o desafio da graduação em Teatro e que ainda mesmo depois do distanciamento lógico pós colação de grau, mantiveram-se presentes enquanto sujeitos do afeto.

Assim, não mais fui ao encontro daqueles que se ligavam artisticamente a mim (componentes do meu grupo de Teatro) no início de minha vida artística, mas aqueles que se ligaram a mim pelo meio, quando resolvi estudar Teatro no âmbito acadêmico.

Desta forma, eu me encontrei no meio do trajeto para iniciar mais uma vez pelo meio com aqueles que se inseriram na minha vida também pelo meio.

Operou-se, portanto, um agenciamento próximo ao comportamento chave do nômade apontado por Deleuze e Guattari (1997) que se estabelece quando ao contrário do migrante, este ocupa o território para depois medi-lo ao invés de medi-lo para ocupa-lo, demonstrando, portanto, que do mesmo modo, em um processo artístico que se dá enquanto nômade, a incerteza e a imprevisibilidade do trajeto se dá enquanto potencial criador.

Fui ao encontro, portanto, dos novos agenciamentos do “eu” no (como o) “outro”. E nesse momento se apresentavam virtualmente duas possibilidades, dois artistas-investigadores-nômade: Marcos Evangelista e Gilvamberto Félix.

A partir deste novo encontro, a medida que a pesquisa já se desenvolvia fomos incorporando outros dispositivos para a criação e outras propostas poéticas no âmbito laboratorial que tinham como intuito produzir materiais sensíveis para darem corpo à obra em processo.

Na mesma perspectiva na qual o trabalho inicial se deu, por meio da realização dos encontros por meio da criação dos “espaços-outros”, demos continuação aos trabalhos por meio de operações híbridas, onde dispositivos e plataformas virtuais se intercruzavam com os espaços das casas de cada um. Inicialmente ações individuais a serem realizadas por cada um isoladamente para como experimento, para posteriormente darmos início aos encontros virtuais.

Assim, transitamos por ambientes virtuais, nos comunicando para a realização de cinco ações cada um realizou em sua própria casa e transmitida online, em tempo real em um grupo inicialmente criado na rede social Facebook, destinado para a troca de mensagens entre os pesquisadores, bem como para armazenar essas experiências realizadas em streaming, posteriormente arquivada na página.

As instruções das ações foram enviadas por meio dos e-mails dos participantes, informando inclusive até que data cada ação deveria ser realizada.

As ações buscavam inicialmente estimular a relação dos corpos destes artistas-investigadores-nômade com a casa em diálogo com as questões envolvidas à pesquisa: deslocamento, trânsito, nomadismo, ausência/presença, virtualidade, tempo/espaço cíclicos e duracionais, relação consigo e com o outro dentre outros aspectos.

Estas primeiras experimentações também tinham o intuito de fazer com que os participantes da pesquisa se familiarizassem com a criação em um ambiente virtual.

O caminho entre dois nômades

Uma vez lançada a proposta de ações descritas acima, estivemos trabalhando cada um individualmente neste exercício laboratorial. Tínhamos realizados antes disso um encontro para discutir o andamento da pesquisa e planejar os passos seguintes no trajeto criativo.

Gilvamberto e Marcos adentraram de modo intenso neste percurso, dando ao processo novas possibilidades de realização.

Ainda tínhamos conosco a relação de sujeitos que distanciados geograficamente se encontravam em espaços comuns produzidos por meio da virtualização das presenças.

Agora estamos nos relacionando com uma nova localização, a cidade de Maranguape no estado do Ceará onde Gilvamberto reside, cidade esta que por se encontrar na região metropolitana de Fortaleza convive com um constante nomadismo de seus habitantes que transitam constantemente entre ela e a capital do estado. Assim, Gilvamberto acrescentava ao processo novos elementos condizentes a realidade de Maranguape. Além disso, existia ainda a relação forte entre o sujeito e sua terra, fator importantíssimo a ser levado em consideração, uma vez que sempre foi claro o apego afetivo de Gilvamberto com sua cidade natal que o fazia sempre fincar raízes naquele chão, se resguardando por entre ao aglomerado de serras do chamado maciço de Baturité, onde localiza-se Maranguape.

Já Marcos, habitava um lugar já conhecido. Nomadizava-se pela cidade de Fortaleza. Assumidamente morador da periferia, ele se relaciona de maneira íntima com a cidade que viveu deste sempre, entrelaçando questões estéticas e políticas no seu fazer enquanto investigador artístico.

Desse modo, chegamos a data limite para a realização de realização das ações.

Ironicamente, mais uma vez o desencontro operou e Marcos, antes mesmo de produzir material para nosso trajeto criativo, comunica a impossibilidade de permanecer no projeto.

Restava apenas aguardar o retorno de Gilvamberto, que veio prontamente no momento marcado. Estávamos novamente começando. Mais uma vez iniciando pelo meio. Um meio perdido em outros meios. Intangível.

Decidimos, portanto, em apostar em um trabalho que partia de dois. Nesse sentido o outro se potencializou ainda mais. Divididos a criação, partilhamos a criação entre estes dois sujeitos. Nômades que traçam caminhos entre um e o outro.

Resolvemos trabalhar no meio, no meio de dois corpos à deriva. Navegando por meio de um rio formado pelos afetos irônicos da distância.

Gestava-se, novamente, um impulso criador onde novos elementos se revelariam.

Iniciamos, portanto, uma sistemática de encontros. Sempre no mesmo dia, sempre na mesma hora. Às terças-feiras, às 9:00 horas.

Assim, semana após semana começamos a traçar um trajeto oriundo daquele inicialmente tinha iniciado no começo da pesquisa e que foi se ramificando por meio de interferências dos sujeitos que vieram e que se foram.

Novos estímulos surgiam no encontro, agora confirmado, entre eu e Gilvamberto. Criávamos juntos a partir de então.

Da casa ao rio

Como havia apontado acima, a pesquisa se deu inicialmente a partir de agenciamentos e provocações, onde a presença dos escritos de Sônia Rangel (2007) fora imprescindíveis para construção de um esboço de trajeto criativo a ser trilhado. As perguntas-passaporte, juntamente com a imagem da CASA e do OUTRO continuaram conosco no processo de criação em questão, contudo, novos elementos tomavam forma à medida que os encontros se realizavam.

Gilvamberto começou a provocar por meio de imagens que lhe atravessavam a cada novo encontro. Assim, tomamos como imagens de provocação, além da CASA e do OUTRO, também a imagem do RIO.

O RIO aparece, portanto, pela necessidade de expressar em forma de imagem a ideia de fluxo constante, de movimento, de fluidez.

Assim, um rio simbólico (virtual) foi traçado por entre nosso trajeto criativo, confundindo-se com o mesmo e possibilitando entendê-lo enquanto liquidez. Nosso trajeto criativo tornou-se, portanto, liquefeito.

Navegávamos, inclusive tomando mão do termo relacionado à internet, por um rio de afetos, por um rio de criação. E nesse rio, no meio da incerteza de suas águas, colocamos nossas casas para navegar à deriva.

Surgia, então um encontro entre as imagens da CASA e do RIO, onde a imagem do OUTRO se colocava naturalmente entre uma e outra.

O rio simbólico, às vezes também vinha em forma de memória. Em forma de afirmação do espaço e com isso trouxemos para o trabalho a força de três rios que representavam, por hora, uma relação com nossa condição de distância, que firmava-nos nos lugares por onde habitamos, por onde transitamos.

O rio então se tornou um operativo de uma condição nômade, explicitado pelas presenças do Rio Maranguapinho, que corta a cidade de Maranguape, lugar que Gilvamberto fincou suas raízes sensíveis; O Rio Jaguaribe que corta e por isso dá nome a região onde eu passei a maior parte de minha vida e por último o Rio Amazonas que marca meu trajeto rumo ao desconhecido, à nova vida em uma região totalmente diferente do meu lugar de origem.

Por outro lado, o Rio Amazonas ainda pressupõe uma barreira natural que impede o encontro, limitando o Amapá enquanto ilha inacessível por meio terrestre, ou seja, o Rio que rompe com a atividade natural do nômade que é caminhar ao encontro do lugar almejado. Nesse sentido, ao mesmo tempo que este rio limita o trânsito do nômade, ele força estratégias de encontro e com isso possibilita a instauração de deslocamentos não convencionais ou como diríamos, atuais, pois nos obrigáramos a proceder na realização da criação de espaços virtuais que rompem com as barreiras naturais e possibilitam todo e qualquer encontro.

Víamo-nos, então, navegando por outro rio, um rio criado virtualmente.

Estávamos, portanto, transitando entre a imagem da CASA e do RIO, levando em consideração a casa enquanto estímulo e o rio enquanto operação poética. Começamos, a partir desta relação, a construir o que posteriormente chamamos de dramaturgismo em fluxo, pois a cada encontro íamos construindo um roteiro que era alimentando por ambos por meio de uma plataforma virtual denominada google drive.

Assim, por meio desta plataforma, fomos construindo um roteiro a duas mãos, dramaturgizando em fluxo, construímos coletivamente um mapa de ações que traziam como referência as imagens da CASA e do RIO. Além disso,

outro elemento atravessava nossa dramaturgia, tornando-se importante provocador de nossas ações. Este elemento, de caráter simbólico se dava na imagem da ESPERA. Desta forma todo o texto foi intercutado por questões referentes a espera, contudo, sem uma ligação direta a um objeto ou sujeito, mas sim uma espera no vazio. Uma espera por algo intangível. Uma espera por algo indefinido. Simplesmente esperar.

Migramos ainda neste processo para outra plataforma de transmissão ao vivo, começamos a criar espaços outros não mais no *Facebook*, mas agora por meio da transmissão ao vivo na plataforma de vídeos denominada *Youtube*, especificamente por meio de um recurso de transmissão ao vivo possibilitada por uma ferramenta do *Google* denominada *hangouts*.

A ida para esta plataforma se deu pela seu funcionamento, que permite colocar em uma mesma transmissão dois ou mais participantes, o que supre a necessidade encontrada na transmissão via *Facebook*. Assim, por meio do *hangouts* o expectador pode visualizar ambos artistas *online*, bem como os próprios podem visualizar a si mesmo e um ao outro, possibilitando com isso o contato áudio-visual no espaço outro.

Começamos, então, a nos aventurarmos na criação da obra.

A obra: uma casa a flutuar à deriva em um rio virtual

A obra resultante dos experimentos realizados nas casas, tendo como atravessamentos o rio e a espera foi sendo construído por meio colaborativo, uma escrita coletiva dentro da plataforma *Google docs* inserida no recurso do *Google drive*.

Trouxemos como título da obra a inscrições contidas no nome do arquivo que foi criado inicialmente para a construção coletiva: tentativa.doc.

Extamente tal qual a grafia exigida na nomeação dos arquivos de computador, o título carrega consigo letra minúscula no início e a indicação de um arquivo de texto a partir da presença do sufixo .doc.

Inicialmente este arquivo foi criado contendo uma espécie de esqueleto do que poderia vir a ser o material final, portanto, uma virtualidade e com isso, como dito anteriormente, fundamentando-se nos escritos de Pierre Levi (2001) sobre o virtual, este texto enquanto virtualidade se dava como um problema, ou seja, uma elemento gerador de uma problematização. Como toda e qualquer obra artística, o problema se deu na perspectiva do disparo dado por via do artista que auto convida-se para problematizar uma ideia, um ato.

Assim, o esqueleto inicial era estruturado por blocos de cenas virtuais, chamados por nós de Trajetos, que a medida que iamos realizando os encontros de escrita conjunta iam se atualizando e ganhando corpo textual. Com isso tínhamos os seguintes trajetos:

1. NASCENTE

Sugere o encontro distante. A gênese do rio. Pontos distintos e distantes que desaguam seus afetos gravidade abaixo e que ao longe se encontram formando um rio virtual.

2. NÃO LUGAR

Sugere o próprio fluxo do rio. A água que escorre silenciosa. Rio-potência. Poemas dos próprios artistas ou de outros poemas que tocam os artistas são o material de trabalho neste bloco.

3. TRABALHO DE PARTO

Explora a ideia do parto enquanto momento mesmo do nascimento e/ou enquanto a ação de partir que se eterniza ao se conjugar no presente do verbo: eu parto

4. ESPERA

Segere a espera enquanto potência poética. Esperar não por algo ou por alguém, mas simplesmente esperar. Neste bloco fomos buscar na obra de Samuel Beckett o disparo provocador de nossas ações.

5. CAMINHOS

O ato mesmo de caminhar como afirmação da condição nômade. Ocupar a casa e nela derivar no rio virtual que liga um ponto a outro da obra. Nômade: ocupar a casa para depois medí-la.

6. TRAJETOS:

O encontro dos dois rios. O encontro das esperas. O encontro dos desencontros. Os nômades se cruzando.

Referências bibliográfica

ANDERS, Peter. Toward na Architecture of mind. CAiiA-STAR Symposium: Extreme paramenters. New dimensions of interactivity, 2001

DELEUZE, Gille; GUATARRI, Félix. Mil Platôs. 2ed. São Paulo: Editora 34, 1997. Vol.4

GONÇALVES, Flávio. Um argumento frágil. Revista Porto Arte. Porto Alegre-RS, v.16, n. 27, pág. 137-145, 2009.

HASEMAN, Brad. Manifesto for Performative Research. In: Media International Australia incorporating Culture and Policy. n. 118, Febrary 2006.

KATZ, H.; GREINER, C. Por uma teoria corpomídia. O corpo: pistas para estudos indisciplinares. São Paulo: Editora Annablume, 2005.

LANCRI, Jean. Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em Artes Plásticas na Universidade. In: O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2002.

LÉVY, Pierre. O que é virtual? Paulo Neves (Trad.). São Paulo: Ed. 34, 1a Edição, 8a reimpressão, 2007

NOVAES, Aduino. Muito além do espetáculo. São Paulo: SENAC, 2005,

RANGEL, Sônia. Processos de Criação: Atividade de fronteira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - ABRACE, 4., Rio de Janeiro, 2006.

_____. Perguntas-Passaporte: Mão Dupla Nas Fronteiras Da Criação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - ABRACE, 5., Belo Horizonte, 2008.

SALLES, Cecilia Almeida. Redes da criação: construção da obra de arte. 2a ed. Vinhedo: Horizonte, 2008.